

RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS A PARTIR DA PESQUISA PARTICIPANTE

Marcio Hoff

Introdução

O presente artigo apresenta um breve relato do contexto histórico da EJA e se detêm no desenvolvimento dos Encontros de Formação para professores na modalidade Educação de Jovens e Adultos, que aconteceram nos municípios de Cidreira, Capivari e Palmares do Sul, em convênio realizado pela UNISC, Secretaria de Educação do Estado e UNESCO. As formações que ocorreram de agosto a novembro de 2006, trouxeram no seu bojo o comprometimento de desenvolver uma proposta pedagógica voltada à percepção da realidade através da prática da pesquisa participante. Isso possibilitou descobrir uma infinidade de peculiaridades, muitas vezes não percebidas em sala de aula. Pretendeu-se, através da sua análise, ressignificar os espaços em que o educador e o educando pudessem se visualizar enquanto sujeitos históricos e sociais, dotados de uma consciência crítica e reflexiva de si mesmos e da realidade que os cerca.

As formações tiveram a intencionalidade de auxiliar os educadores a desvelar o imaginário e o cotidiano do aluno jovem e adulto, através de proposições e construção de diretrizes que se constituíram através da análise da pesquisa e por intermédio de metodologias diferenciadas. Estas contribuíram para que o jovem e adulto, enquanto sujeitos sociais, aprendam a apreender a sua realidade, reconhecer a sua identidade, vivificar a sua cidadania plena, recuperar a sua história de vida, tornar-se um ator social emancipado e autônomo nos modos de pensar, refletir e agir. Assim, serão protagonistas de um novo devir em sua continua caminhada forjada através de múltiplos significados que, juntados e costurados com as linhas da sua historicidade, vão

¹ Professor e Supervisor de Educação de Jovens e Adultos na Rede Municipal de Ensino de Charqueadas/RS. Assessor da UNISC na Formação Continuada de Professores de EJA da 11ª Coordenadoria Regional de Educação do RS. Mestrando em Ciências Sociais pela PUCRS.

recuperando o sentido de vida e recriando as utopias e os sonhos que carregam dentro de si.

Contextualizando a EJA no Cenário Histórico-social Brasileiro.

As tentativas de implementar uma política educacional voltada para o universo populacional de Jovens e Adultos não alfabetizados e escolarizados na idade regular remonta ao início do século XX. A partir da expansão da fase industrial no Brasil, notadamente a partir da década de 20, vários fatores de ordem econômico-social contribuem para “forçar” algumas reformas educacionais do período.

Muitas indústrias começaram a surgir e com elas, percebeu-se um vertiginoso fenômeno de urbanização e formação de cidades. Aliado a isso, grande parte da população urbana tornava-se operária sem os conhecimentos mínimos necessários para atuar como trabalhadores industriais. Os industriais perceberam a necessidade da formação de uma mão-de-obra especializada e, com isso, houve certa pressão para que o governo da época buscasse soluções frente aos problemas educacionais do período.

A educação passa a ser ponto de agenda e apostando na *“reconstrução educacional como instrumento de reconstrução social.”*(SEVERINO, 1986) Não obstante, o recém fundado Partido Comunista e os movimentos operários da época valorizavam e reivindicavam melhorias na esfera da educação. Como resposta aos empresários e aos movimentos libertários, a partir de 1925 foram criadas as primeiras escolas noturnas, através da “Lei Rocha Vaz”, a fim de atender os adultos e melhor prepará-los para atuar como força de trabalho no sistema industrial. Ou seja, o Estado identificando-se com as elites dominantes da época, preocupa-se mais em desenvolver uma “educação para o trabalho, atendendo as exigências do processo econômico” (SEVERINO, 1986) e às pressões da burguesia urbano-industrial.

Contudo, as políticas nacionais para jovens e adultos começaram a se desenhar com maior visibilidade a partir da nova constituição nacional de 1934, que tornava obrigatório e gratuito o ensino primário em todo o território nacional. Além disso, teriam acesso às escolas *“todos os cidadãos, devendo, por isso, ser laica, respeitando a pluralidade religiosa da sociedade e a autonomia dos educandos.”* (SEVERINO, p.81) De lá, até a década de 60, surgiram diversos serviços e campanhas locais e nacionais voltadas ao combate do analfabetismo e ao aumento do contingente de mão-de-obra instruída, necessária para atender a demanda do processo de expansão das indústrias nos grandes centros urbanos: *“para as elites, as escolas que classificavam socialmente, para os extratos populares, as escolas que preparavam mais imediatamente para o trabalho.”* (SEVERINO, p.81)

Porém, este estudo ganha maior relevância a partir da análise dos acontecimentos que tiveram início na década de 60, através da difusão das idéias da Educação Popular. Muitos intelectuais e estudantes ligados à igreja católica, engajaram-se em diversas instituições que buscavam desenvolver novas formas de educação junto às camadas populares e mais empobrecidas da sociedade. Os movimentos que ganharam destaque pelo seu trabalho foram o Movimento de Educação de Base (MEB), mantido pela Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); Movimento de Cultura Popular, do Recife; Centros Populares de Cultura, criados pela União Nacional dos Estudantes; Campanha ‘De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, criado pelo prefeito Djalma Maranhão em Natal-RS; a experiência no município de Angicos - RN, já empregando o Método Paulo Freire. Por último, surge o Programa Nacional de Alfabetização criado pelo MEC em 1964, que levou Paulo Freire à prisão e posteriormente ao exílio por conta do Golpe de Estado instaurado pelos militares em março de 1964. Em janeiro daquele mesmo ano, o PNA aprovava a propagação de programas de alfabetização utilizando a proposta inovadora de Paulo Freire.

Considerado pelos militares, conteúdo subversivo à manutenção da ordem nacional, o Método Paulo foi expurgado e o PNA extinto. A partir de 64, o Brasil entra num período obscuro, sobretudo na esfera da educação, pois o que os golpistas desejavam do *“sistema educacional era a produtividade, o baixo custo de mão-de-obra numerosa, mas com qualificação puramente técnica, disciplinada e dócil adequada à manutenção do sistema econômico vigente.”* (SEVERINO, p.81)

A partir da década de 60, Paulo Freire torna-se um ícone para a Educação de Jovens e Adultos graças à formulação de um novo modelo teórico e metodológico baseado em uma nova compreensão da relação e da problematização entre a realidade educacional e a realidade social. Ele destaca a importância da participação das camadas populares na esfera política e a importância da esfera educacional para torná-los conscientes deste processo.

Chamado de Método Paulo Freire, esse novo conceito metodológico voltado para a Educação de Jovens e Adultos, levava em conta a realidade e o contexto econômico e sócio-cultural em que os educandos estavam inseridos e, a organização e sistematização dessa mesma realidade pelo educador. Desse processo dialógico surgiram os Temas Geradores, que eram palavras ou falas significativas extraídas da problematização da realidade do educando.

No início da década de 1980, com a abertura política e o processo de redemocratização do Brasil, milhares de movimentos populares começaram a efervescer pelos quatro cantos do país. Muitos intelectuais, incluindo Paulo Freire, estavam imbuídos e debruçados nos estudos e na produção de teorias e metodologias de trabalho com grupos populares. Nessa época redescobriu-se a importância da inserção da pesquisa participante no contexto da educação popular, sobretudo como meio capaz de desvelar os desdobramentos da realidade. Assim, através da pesquisa, *“não se produz ciência como a entendemos academicamente, mas produz-se saber, entendido como consciência crítica.”*(DEMO, p.99)

Através de uma densa investigação sócio-antropológica que contava com a participação e contribuição do próprio sujeito pesquisado eram levantadas informações e dados significativos a serem analisados. A pesquisa participante propõe desvelar uma determinada realidade social, para que essa ofereça pistas que sejam capazes de fomentar proposições e alternativas que busquem solucionar determinadas problemáticas enfrentadas pela população pesquisada. É esse modelo de pesquisa que permite *“múltiplas e interligadas atividades de construção contínua de algum tipo de conhecimento que envolve pessoas, equipes, e outras pequenas comunidades aprendentes dentro e fora da sala de aula, dentro e fora dos espaços e tempos da própria escola.”* (BRANDÃO, p.127)

Ainda nesse período de transição de modelo político, era extinto o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), criado no início do golpe pelos militares para substituir o Programa Nacional de Alfabetização e a proposta pedagógica de Paulo Freire. Em substituição, surgiu em 1985, a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos. Conhecida também como Fundação Educar, seus principais objetivos era atender educandos da 1ª série do 1º grau e produzir material didático. Em 1990, no mesmo período em que o Brasil participava da Conferência Mundial de Educação para todos, em Jomtien, na Tailândia que fixava metas de expandir e melhorar o atendimento público na escolarização de jovens e adultos, era extinta a Fundação Nacional para a Educação de Jovens e Adultos. Nesse momento muitas entidades da sociedade civil, órgãos públicos e ONGs passaram a assumir sozinhos a responsabilidade pelo atendimento a demanda da população jovem e adulta.

Com a promulgação da nova LDBEN n.º 9.394/96, a EJA ganha um novo ressignificado. O poder público passa a assumir total responsabilidade pela oferta do ensino básico adequado à idade e às condições do jovem e adulto, oferecido na forma de exames supletivos e incluindo no sistema regular de ensino. A EJA passa a ser tratada como Modalidade de Ensino, de acordo com a resolução CNE/CEB nº1/2000. Assim, essa modalidade ensino passa a ser um direito de todo cidadão.

A Educação de Jovens e Adultos após a Nova LDB

As escolas públicas de todo o país iniciam, a partir de 1996, um complexo processo de transição. Extingue-se o ensino supletivo de caráter compensatório, e implanta-se a Modalidade EJA no ensino fundamental e médio, buscando a emancipação do educando através de um permanente processo de ensino-aprendizagem. Não obstante, a realização da 5ª Conferencia Internacional sobre Educação de Jovens e Adultos – CONFITEA, realizada em julho de 1997, na Alemanha, lançou, em seus documentos, uma série de orientações a ser seguidas pelos sistemas educacionais que implementaram essa nova modalidade de ensino. As intensas transformações socioeconômicas e culturais das últimas décadas motivaram a produção dessas recomendações com vistas ao desenvolvimento de estratégias educacionais para a produção de conhecimento e aprendizagem permanentes e ao longo da vida.

Assim, segundo os documentos produzidos pela CONFITEA, os cursos de EJA, em sua especificidade, passam a ter como objetivos a formação integral do cidadão para a vida em sociedade, através da produção de um sujeito crítico e participativo na esfera social; a formação permanente dos educadores visando qualificar as suas ações pedagógicas; o domínio de competências e habilidades que possam oferecer aos jovens e adultos, respaldo para lidar com as novas tecnologias e assim, enfrentar e acompanhar as constantes transformações globais e os impactos por ela causados.

O documento também aponta para a construção de propostas educacionais que propiciem o desenvolvimento de valores solidários, de justiça e tolerância, mediante o uso da autonomia e do senso crítico do jovem e adulto inserido na sociedade. Outros pontos como, o respeito aos saberes ditos não formais, produzidos pelos jovens e adultos ao longo da vida e, a elaboração e implementação de um currículo diversificado e flexível, de acordo com a realidade sócio-cultural do educando, serão melhor analisados mais adiante.

O surgimento de documentos internacionais sobre a EJA, de certo modo, obrigou o Brasil a firmar alguns compromissos para melhor atender ao público jovem e adulto, sobretudo se analisadas as taxas de analfabetismo do país, consideradas altas em comparação com outras nações. Nesse sentido, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aprovada em 1996, institui a obrigatoriedade da oferta de EJA para aqueles que não tiveram acesso ou não deram continuidade aos estudos na idade regular. Assim *“regressar aos bancos da escola parece conferir-lhes uma maior arma de “subir na vida”: com o estudo a pessoa se defende melhor.”*(NOGUEIRA, p.76)

O artigo dessa lei ainda pauta sobre a obrigatoriedade da oferta gratuita por todos os sistemas públicos de ensino. A legislação cria novos mecanismos a níveis federal e estadual, como pareceres e resoluções, a fim de legitimar cada vez mais as estruturas balizadoras da Educação de Jovens e Adultos. A [Resolução CNE/CEB nº1, de 5 de julho de 2000](#) que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos e o [Parecer 11/2000 do Conselho Nacional de Educação](#), que faz referência às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos são fundamentais para compreender como está organizada a Modalidade EJA no sistema de ensino brasileiro.

A Formação de Professores para atuar na EJA

Com a implementação da EJA no sistema nacional de ensino, vários foram os desafios emergidos da necessidade de reorganizar os diversos elementos que se fundem para formar a estrutura dessa área: tempos e espaços em sala de aula, condições de oferta, organização curricular, práticas pedagógicas, seleção de conteúdos, uso de recursos didáticos e pedagógicos, critérios e práticas de avaliação e, a formação de professores para atuar nessa modalidade.

Hoje, apesar de muitos professores possuírem um grau elevado de formação a nível de graduação, especialização, etc., estão pouco preparados para trabalhar com a modalidade EJA, pela pouca oferta de cursos nessa área. Até o momento, não existe, em nenhuma Instituição de Ensino Superior brasileira - IES, cursos de licenciatura plena em EJA. Este fato denuncia uma das muitas dificuldades pelas quais passam os educadores que atuam nessa área: a formação específica para trabalhar com jovens e adultos. Desse modo, *“um dos grandes desafios que nós educadores da EJA enfrentamos diz respeito à necessidade de lidar com a diversidade. Fomos ‘diplomados’ para atuar com um aluno único, amorfo, assexuado, sem origens étnicas, culturais ou sociais.”* (ACOSTA, p.84) Nesse sentido, visando suprir carências e corrigir equívocos do passado, a atual legislação de EJA garante semanalmente, um turno para a formação dos professores que atuam na modalidade.

Desde 2004, a chamada formação em serviço dos professores de EJA, realizada pelas principais IES, vem ocupando um importante espaço na Educação de Jovens e Adultos no Rio Grande do Sul. A Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, em convênio com a Secretaria Estadual de Educação e a cooperação técnica da UNESCO, tem garantido a formação em serviço para os professores que atuam na Modalidade Educação de Jovens e Adultos de duas Coordenadorias Regionais de Educação: a 6ª CRE, de Santa Cruz do Sul e a 11ª CRE, de Osório, procurando sempre respeitar as especificidades próprias da EJA e as peculiaridades dos municípios atendidos.

Em 2005, a UNISC garantiu a formação de professores da rede pública de três municípios pertencentes à 11ª Coordenadoria: Osório, Santo Antonio da Patrulha e Rolante. Já no presente ano, as formações ocorreram em Cidreira, Capivari e Palmares do Sul. Como no ano anterior, as formações ocorreram sempre nas quartas-feiras, de forma intercalada entre os municípios. Durante esse período de dois anos, a proposta pedagógica de formação seguiu sempre o mesmo fio condutor, optando por realizar um trabalho de pensar a e refletir a (re) organização curricular e a importância dos conteúdos e das metodologias

diferenciadas, a partir de uma ampla pesquisa sócio-antropológica ou pesquisa participante. Esta é assim chamada, porque *“parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado.”*(ANDRÉ, p.28)

O jovem e o adulto necessitam visualizar e imprimir um sentido real e prático em todas as temáticas e conteúdos a serem estudados. Estes não podem estar desvinculados da realidade de vida do educando. Caso essa abordagem crítica frente aos conteúdos não aconteça, é *“suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais (...)”*(BORDIEU, p.53) entre jovens e adultos de classes sociais distintas. Um bom curso de EJA necessita pensar a construção de um currículo variado e flexível, que respeite a pluralidade cultural e a realidade dos jovens e adultos. Dessa forma, forjado na interação entre saberes formais e não-formais e no processo de ensino-aprendizagem, o educando amplia a possibilidade de construir novos saberes.

Um currículo de EJA deve sempre partir das necessidades, das inquietações e dos interesses dos Jovens e Adultos, reconhecendo seus saberes contextualizados em suas realidades. Assim, conteúdos estudados que fazem parte do seu cotidiano, devem ser destacados em sala de aula, possibilitando aos jovens e adultos analisá-los e criticá-los, estimulando a participação e à conscientização do papel que ocupa na sociedade, enquanto sujeito social que busca por direitos que a história lhes negou.

Os próprios educadores reconheceram a dificuldade de melhor explorar conteúdos e didáticas de trabalho, relatando as múltiplas inquietações que os acompanham e surgem da preocupação em construir uma proposta de trabalho pedagógico que tivesse um significado real para a vida dos seus educandos.

Um dos problemas mais relatados, refere-se ao processo desenvolvimento de metodologias diferenciadas e adequadas à faixa etária do aluno Jovem e Adulto. Segundo os educadores, essas metodologias ainda não foram trabalhadas, detalhadas e sistematizadas nos encontros de formação continuada realizados pela supervisão das escolas. Isso dificulta o desenvolvimento mais coeso de um método que possibilite uma maior abertura, participação e envolvimento do educando com a realidade sociocultural que o cerca. Segundo Frei Betto, *“em nome da educação popular, há muita ‘educação bancária’ por aí, que se ‘justifica’ pela eficácia, pela presa, porque não dá tempo de se aplicar a metodologia correta.”*(FREIRE, p31).

Para outros educadores, a maior preocupação foi com relação à evasão escolar, o que poderia ser explicado em parte, pela falta de metodologias adequadas a serem trabalhadas nas turmas de EJA. Nesse sentido, os encontros de formação fomentaram o debate sobre os saberes da experiência a partir do trabalho docente e buscou analisar os impasses e avanços da questão profissional na atual realidade da Educação de Jovens e Adultos das Escolas. Posteriormente, foi lançada a proposta da construção e realização de uma pesquisa-ação ou pesquisa participante, junto às turmas de EJA. Inicialmente, sentiu-se uma certa resistência de alguns profissionais, o que julgou-se natural frente ao desconhecido. Porém, logo todos aderiram ao plano de trabalho elaborado para as formações.

Nos Passos da Pesquisa-Participante

O atual contexto sócio-educativo que abrange a Educação de Jovens e Adultos, requer um momento de empenho por parte de todos os educadores que compõe o quadro docente dessa Modalidade. Mas isso *necessita ‘pensar a educação em um contexto social amplo, que envolve sua efetiva estruturação enquanto política social básica, situada no campo das demais políticas: saúde, habitação, trabalho, segurança.’*(GUSTSACK, p.16) Muitos, de fato, sonham e

lutam por transformações que possam ser concretizadas pelos alunos de EJA, através de aulas e encontros que despertem a criticidade, o empoderamento e a autonomia dos mesmos.

As Formações Continuadas que vêm impulsionando esse projeto no âmbito da EJA, procuram se aproximar da realidade dos sujeitos, buscando a realização de diagnósticos e lançando proposições coerentes para que se estabeleça a garantia aos estudos com ²qualidade de ensino a todos os jovens e adultos pertencentes à essa Modalidade. Com isso busca-se atender, sobretudo, os que sofreram o processo de exclusão educacional na época em que possuíam a idade apropriada para frequentar os bancos escolares, pois sabe-se que o retorno aos estudos é a oportunidade de *“ascender ao domínio consciente de saberes, valores e motivações que fazem de cada um de nós um criador de seus próprios mundos.”* (2001, p.36)

No decorrer das formações, enquanto os professores empenhavam-se em formular questões e tecer um instrumento de pesquisa para entrevistar seus alunos, também aprofundavam seus conhecimentos no estudo de metodologias diferenciadas como o Tema Gerador, os Complexos Temáticos, os Projetos de Aprendizagem e, suas possíveis implicações no processo de ensino-aprendizagem numa classe de EJA, partindo do contexto e dos interesses dos alunos evidenciados através de suas falas.

Parte dos encontros de formação foram destinados à montagem do instrumento de pesquisa dividido em cinco dimensões: pessoal, social, econômica, política e cultural-religiosa. Os educadores, ao formularem questões para seus educandos, se perguntavam a si próprios, se a resposta ou a própria pergunta seria relevante e traria contribuições para desvelar uma determinada

² A qualidade de ensino na EJA, se traduz no comprometimento por parte de Instituições educacionais, das equipes gestoras das escolas e, sobretudo, dos educadores, principais responsáveis pelo desenvolvimento dos educandos, no sentido de “desengessar” algumas propostas curriculares, ousando trabalhar a partir conteúdos “vivos”, que tenham significado real para os educandos. Uma proposta curricular eficaz para um projeto de Educação de Jovens e Adultos, precisa passar pelas vivências dos educandos, através do respeito aos saberes elaborados ao longo da vida destes sujeitos e do respeito e acompanhamento dos tempos e espaços estabelecidos pelos mesmos.

realidade. Os professores também deveriam solicitar a colaboração dos próprios educandos na formulação dos questionamentos, para não perder a característica da investigação, uma vez que se tratava de uma pesquisa-participante e os objetos da mesma (jovens e adultos), também eram os sujeitos.

Entre os períodos em que os questionários foram concluídos pelos educadores e respondidos pelos alunos, as metodologias diferenciadas eram aprofundadas nas formações e, os professores eram convidados a produzir projetos de aprendizagem, temas geradores e complexos temáticos, sempre com o olhar voltado para a sala de aula e sua dinâmica. Isso significa, prestar atenção na fala, nas ações e nos gestos dos educandos, pois ali encontram-se pistas preciosas para o desenvolvimento de projetos em EJA.

Tendo como pano e fundo, as falas e as discussões entre os educandos, os professores poderiam selecionar as falas mais significativas como um modelo de pesquisa oral e, a partir delas, construir palavras ou temáticas geradoras, complexos temáticos ou projetos de aprendizagem.

De posse dos questionários preenchidos pelo universo total de alunos das escolas participantes, a ³equipe da Assessoria Técnico-Pedagógica da UNISC entrou em ação, realizando uma das tarefas mais delicadas da pesquisa: a tabulação dos dados. Após a organização dos dados, os mesmos foram devolvidos, trabalhados e analisados pelos professores durante um encontro de formação. O processo de análise não foi concluído pelo tempo exíguo das formações. Porém, os educadores foram desafiados à realização de uma análise mais refinada dos dados e, a partir dos seus resultados, transformá-los em conteúdo a ser desenvolvido na perspectiva das metodologias diferenciadas.

³ A Equipe da Assessoria Técnico-Pedagógica da UNISC responsável pela difícil tarefa de realizar a tabulação de dados é formada por: Adriana Marcia Possebon - Assistente Administrativo; Patrícia Maria Konzen - Auxiliar Administrativo; Laura Machado Garcia – bolsista e Rita Kássia Neske Unfer – bolsista. A elas os mais sinceros agradecimentos pelo árduo trabalho de realizar a tabulação dos dados das quatro escolas que participaram desse processo.

Os resultados das ações puderam ser notados quando em cada um dos três municípios, os professores que participaram das formações, colocaram na prática esses aprendizados. Os professores da Escola Estadual de Ensino Médio Prof. Albano Alves Pereira organizaram um grande projeto de aprendizagem, que teve como temática, a saúde no município, e envolveu de forma participativa, todas as turmas de EJA. Da mesma forma as Escolas de Ensino Fundamental Marcilio Dias, a Escola Estadual de Ensino Médio Raul Pilla, em Osório e as educadoras do Projeto Alfabetiza Rio Grande, em Pinhal também realizaram atividades envolvendo a pesquisa e os alunos. No município de Capivari, também se notou um movimento dos professores da Escola Estadual de Ensino Médio Arthur da Costa e Silva em relacionar os dados da pesquisa com a realidade vivida pelos alunos.

Algumas Conclusões

Através deste gesto de solidariedade e compromisso que tem sido o trabalho de alfabetizar e escolarizar o público jovem e adulto, buscou-se, por meio desse trabalho, construir possibilidades para que em breve outros municípios comprometidos com a EJA, possam comemorar a vitória sob chaga social do analfabetismo e celebrar a conquista de índices mais brandos ou até mesmo o próprio fim de cidadãos não alfabetizados ou escolarizados.

Desse modo, será garantido a todos os educandos, as bases para se tornarem sujeitos sociais portadores de protagonismo e de uma cidadania participativa que inclua a autonomia, onde a mesma possa ser visualizada através do engajamento dos alunos na ⁴sociedade civil organizada, expressando-se através da coragem de lutar por mudanças sociais e por uma melhor qualidade de vida para todos.

⁴ Organizações Não Governamentais, Associações de bairros e comunitárias, Comunidades Religiosas, Escolas, Clube de Mães, Partidos Políticos, Agremiações, Sindicatos, etc...

Nesse sentido a pesquisa que teve a intenção de contextualizar e problematizar diferentes contextos sociais vividos pelo jovem e adulto, buscou também compreender o desenvolvimento da vida do sujeito investigado e traçar com ele um quadro de análises que pudesse descrever sua trajetória até o momento presente. É através dele que se pode perceber *“o sentido da construção de relações humanas ou de conhecimento através do resgate da experiência da vida cotidiana das mulheres e homens, com suas alegrias, tristezas, angústias e verdades”* (2001, p.99), tramadas no contexto das suas práticas sociais.

Uma ênfase especial pode ser dada às relações sociais que se pretendeu investigar. Neste caso, é importante recordar o contexto social do educando jovem e adulto, para que perceba a importância da sua história enquanto partícipe e protagonista da construção de uma época. Assim, o jovem e o adulto podem estar construindo importantes instrumentos de análise da realidade onde os mesmos poderão olhar a atual sociedade em que estão inseridos e fazer uma leitura de mundo com uma maior facilidade do ponto de vista da criticidade, pois estarão recorrendo a instrumentos já utilizados na reconstrução das suas histórias de vida. Partindo da dimensão social, política, econômica, etc, estes jovens e adultos terão em mãos elementos que lhes permitam realizar uma análise mais crítica e reflexiva do momento em que estão vivendo dentro do conjunto de elementos que desenham a sociedade.

Com um longo caminho a ser trilhado, muitos desafios terão de ser superados através do empenho de todos os atores envolvidos na Formação Continuada e, de programas educacionais sérios que tragam no seu bojo, o desafio de transformar jovens e adultos em sujeitos sociais dotados de autonomia, e capazes de transformar as suas realidades, reconhecendo-se enquanto cidadãos plenos, protagonizando e reconstruindo suas histórias de vida pessoais e coletivas.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Selma Brenner. Educação de Jovens e Adultos: por uma pedagogia da diversidade. In: Anais do IV Fórum Nacional de Educação e VII Seminário regional de Educação Básica. Santa Cruz do Sul : Edunisc, 2004.

ANDRÈ, Marli Eliza D.A. Etnografia da Prática Escolar. Campinas : Papirus, 1995.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de Educação. Petrópolis : Vozes, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Pergunta a Várias Mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo : Cortez, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De Angicos a Ausentes: quarenta anos de educação popular. Porto Alegre: MOVA-RS; CORAG, 2001.

DEMO, Pedro, Desafios Modernos da Educação. Petrópolis, Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. BETTO, Frei. Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 11. ed. São Paulo : Ática, 2000.

GUSTSACK, Felipe. Sentidos da Educação e da escola nos Discursos de Jovens: um estudo em diferentes contextos. In: Anais do VI Seminário Interdisciplinar de Supervisão Escolar. Santa Cruz do Sul : Edunisc, 2005.

NOGUEIRA, Adriano. A Fala do Povo: a reprodução do conhecimento no saber popular. Petrópolis : Vozes, 1985.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Educação, ideologia e contra-ideologia. São Paulo : EPU, 1986.